CARTA AOS ROMANOS

MANOEL GOMES DA SILVA FILHO
ZULEICA APARECIDA SILVANO (Orgs.)

CARTA AOS ROMANOS

A REVELAÇÃO DA JUSTIÇA DE DEUS

Paulinas PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Carta aos romanos : a revelação da justiça de Deus / organizado por Manoel Gomes da Silva Filho, Zuleica Aparecida Silvano. - São Paulo : Paulinas : Paulus, 2025.
352 p. (Coleção Palavra viva)

Bibliografia
ISBN 978-65-5808-344-3

1. Bíblia. N.T. Romanos – Comentários I. Silva Filho, Manoel Gomes da II. Silvano, Zuleica Aparecida III. Série

25-1457 CDD 227.107

Índice para catálogo sistemático:
1. Bíblia. N.T. Romanos - Comentários

1ª edição – 2025

Direção-geral Paulinas: *Ágda França*
Diretor Editorial Paulus: *Pe. Jakson Ferreira de Alencar*

Editora responsável: *Maria Goretti de Oliveira*
Copidesque: *Mônica Elaine G. S. da Costa*
Coordenação de revisão: *Marina Mendonça*
Revisão: *Ana Cecilia Mari*
Gerente de produção: *Felício Calegaro Neto*
Capa e diagramação: *Telma Custódio*

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.

Cadastre-se e receba nossas informações
paulinas.com.br
Telemarketing e SAC: 0800-7010081

Paulinas
Rua Dona Inácia Uchoa, 62
04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)
Tel.: (11) 2125-3500
editora@paulinas.com.br

Paulus
Rua Francisco Cruz, 229
04117-091 – São Paulo – SP (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700
paulus.com.br – editorial@paulus.com.br

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2025

SUMÁRIO

Apresentação 7

Capítulo 1

A comunidade eclesial em Roma nos tempos de Paulo 11
1 O movimento de Jesus: da Galileia a Roma 12
2 Entre imigrantes orientais e religiosos arruaceiros 17
3 Das sinagogas às igrejas domésticas 24
4 Sobre o fundamento da fé dos Apóstolos 29

Capítulo 2

Sobre a Carta aos Romanos 39
1 Finalidade de Romanos 42
2 Interlocutores 47
3 Composição literária 48
4 Gênero literário e estrutura 50

Capítulo 3

Introdução epistolar (1,1-7) 53
1 Agradecimento e programa de viagem (1,8-15) 64
2 Tema geral da Carta 67

Capítulo 4

A revelação da ira e da justiça divina (1,18–4,25) 77
1 A justiça de Deus fora da ótica do Evangelho (1,18–3,20) 77
2 A manifestação da justiça divina (3,21–4,25) 110

Capítulo 5

As consequências da justificação pela fé (5,1–8,39) 133
1 A reconciliação em Jesus Cristo (5,1-11) 134
2 O pecado, Adão e Jesus, o Novo Adão (5,12-21) 148
3 Batismo: viver em Cristo (6,1-14) 159
4 Viver sob a graça de Deus (6,15-23) 171
5 Livre da Lei e do pecado (7,1-6) 176
6 A Lei, o pecado e o ser humano dividido (7,7-25) 178
7 A vida no Espírito (8,1-17) 188
8 A vida cristã orientada para o futuro escatológico (8,18-30) 203
9 Conclusão geral da segunda parte (8,31-39) 206

Capítulo 6

A fidelidade da Palavra de Deus (9–11) 209
1 Preâmbulo (9,1-5) 217
2 A Palavra de Deus não falhou 220
3 As razões da situação de Israel (9,30–10,21) 230
4 Deus não rejeitou seu povo e o salvará 249

Capítulo 7

Seção exortativa e saudação final (12,1–16,27) 291
1 O cotidiano da vida cristã: seção parenética (12,1–15,13) 292
2 Epílogo da Carta (15,14–16,27) 319

Referências 337

Índice onomástico 347

APRESENTAÇÃO

A Carta aos Romanos ocupa um lugar central no conjunto do Novo Testamento (NT) e na história da teologia cristã, sendo o escrito mais comentado por sua densidade teológica. Seus diversos comentadores não deixam de enfatizar sua importância – por exemplo, Dunn, ao afirmar que se trata da "mais importante obra de teologia cristã de todos os tempos".[1] Igualmente Vouga é categórico ao dizer que, "por sua extensão e pelo caráter sistemático da apresentação do conteúdo, a Epístola aos Romanos se apresenta como um escrito teológico central do Novo Testamento".[2]

Percebe-se sua relevância ao analisar a própria história da teologia,[3] dado que foi um dos escritos presentes de forma determinante nos momentos mais decisivos do desenvolvimento do pensamento cristão. Nota-se sua influência no pensamento de Agostinho e de Lutero, e, no século XX, destaca-se o comentário do teólogo protestante Karl Barth.[4] A famosa frase de Althaus é muito

---

1 DUNN, J. D. G. Carta aos Romanos. In: REID, D. G. (Ed.). *Dicionário teológico do Novo Testamento*: compêndio dos mais avançados estudos bíblicos da atualidade. São Paulo: Vida Nova, 2012, p. 1157.

2 VOUGA, F. A epístola aos Romanos. In: MARGUERAT, D. *Novo Testamento*: história, escritura e teologia. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2015, p. 207.

3 BARBAGLIO, G. *As cartas de Paulo II*. São Paulo: Loyola, 1991, p. 117. (Bíblica Loyola, 5).

4 VOUGA, 2015, p. 207.

enfática ao estabelecer essa relação: "As grandes horas da história do cristianismo são também as horas da Carta aos Romanos".[5] Pelo papel que essa Carta desempenhou nas reformas protestante e católica, ao se pensar o projeto de uma tradução ecumênica da Bíblia (TEB), decidiu-se começar justamente por ela:[6]

> Por causa deste papel desempenhado pela *Epístola aos Romanos* na história da Igreja dos quatro últimos séculos, é compreensível que os responsáveis pela Bíblia – Tradução Ecumênica – tenham resolvido começar seu trabalho pela Epístola aos Romanos. A seu ver, uma versão desta epístola seria um teste; com efeito, estavam persuadidos de que a tradução ecumênica da Bíblia não esbarraria em obstáculos intransponíveis se a *Epístola aos Romanos* pudesse ser apresentada em uma versão aceita por todos. E estavam persuadidos sobretudo do desafio teológico que estava em jogo neste empreendimento; segundo a feliz expressão do pastor M. Boegner, "o texto de nossas divisões" devia tornar-se o "texto de nosso encontro".[7]

Para essa Carta ser compreendida, além de uma leitura teológica atenta,[8] é importante considerá-la como uma obra retórica. Embora se trate, para todos os efeitos, de uma carta, é perceptível a originalidade do autor ao escrever aos romanos, de modo que, "pela sua complexidade, ao menos até agora, não pode ser classificada em nenhum gênero epistolar, retórico ou

---

5 ALTHAUS, P. *La lettera ai Romani*. Brescia: Paideia, 1970, apud PITTA, A. *Lettera ai Romani*: nuova versione, introduzione e comento. Milano: Paoline, 2009b, p. 555. (I Libri Biblici. Nuovo Testamento, 6). Tradução própria.

6 BARBAGLIO, 1991, p. 117.

7 INTRODUÇÃO à Epístola aos Romanos. In: BÍBLIA TEB: notas integrais, tradução ecumênica. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2020, p. 2107.

8 ALLETI, J.-N. *La lettera ai romani*: chiavi di lettura. Roma: Borla, 2011, p. 7, tradução própria.

literário".[9] A Carta aos Romanos contém dezesseis capítulos e estrutura-se em quatro grandes blocos. Os três primeiros contêm um conteúdo densamente teológico, e o último mantém o caráter teológico, mas se caracteriza pela exortação, dirigindo-se à vida cristã no cotidiano. Por seguir o gênero epistolar, é introduzida por um cabeçalho e conclui-se com algumas notícias, saudações e bênção final.

Esta obra, intitulada *Carta aos Romanos: a revelação da justiça de Deus*, visa apresentar um comentário teológico introdutório para uma aproximação a um livro tão rico. Assim, inicia-se com a história dos primeiros anos da comunidade cristã em Roma (*Capítulo 1*), escrita por André L. P. Miatello.[10] Após essa visão panorâmica do contexto das comunidades, oferecer-se-ão os elementos introdutórios da Carta, tais como: a discussão sobre a autoria, o interlocutor ao qual é dirigida; a problemática subjacente, as características específicas, a estrutura e a indicação de alguns destaques teológicos emergentes dos conteúdos abordados (*Capítulo 2*), e segue-se com a análise do conteúdo da missiva. O primeiro e segundo blocos (*Capítulos 3-5*), com a introdução epistolar e o desenvolvimento do conteúdo (Rm 1–8), conta com a colaboração de Zuleica Aparecida Silvano.[11] O terceiro bloco, com as promessas dirigidas a Israel (Rm 9–11), é analisado por

---

9 PITTA, 2009, p. 36, tradução própria.

10 Historiador com doutorado pela Universidade de São Paulo, professor associado do Departamento de História da Universidade Federal de Minas Gerais, bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq e professor colaborador da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia em História da Igreja Antiga e Medieval.

11 É irmã paulina, mestra em Exegese Bíblica pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma e doutora em Teologia Bíblica pela Faculdade Jesuíta de Teologia (FAJE), Belo Horizonte (MG). É assessora no Serviço de Animação Bíblica/Paulinas (SAB), responsável pelo subsídio do Mês da Bíblia, por Paulinas; membra da Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica (ABIB), da Rede de teólogas brasileiras e da equipe interdisciplinar da CRB.

Manoel Gomes da Silva Filho (*Capítulo 6*).[12] Por fim, a parte exortativa e a conclusão (Rm 12–16) serão comentadas por Claudio Vianney Malzoni (*Capítulo 7*).[13]

Ao refletir sobre a Carta aos Romanos, a leitora e o leitor são convidados a mergulhar na profundidade desse escrito, a reavivar o que significa ser cristão e cristã, a ser justificados pela fé em Jesus Cristo, santificados pelo Espírito Santo, e a contemplar a grandeza do amor generoso e gratuito de Deus.

---

12 Bacharel em Teologia pela Faculdade de São Bento de São Paulo, mestre em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), mestrando em Direito Canônico pela Pontifícia Universidade Lateranense de Roma. É membro da Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica (ABIB) e do Grupo de Pesquisa "A Bíblia em Leitura Cristã", da FAJE.

13 Doutor em Ciências Bíblicas pela Escola Bíblica e Arqueológica Francesa de Jerusalém. Atualmente é professor e pesquisador do Programa de Pós-graduação em Teologia da Universidade Católica de Pernambuco.

Capítulo 1

A COMUNIDADE ECLESIAL EM ROMA NOS TEMPOS DE PAULO[1]

A história dos primeiros anos da comunidade cristã em Roma está profundamente ligada à Carta aos Romanos. Se a existência dessa comunidade motivou Paulo a redigir a Carta, ela se consolidou como o mais antigo documento cristão a informar sobre a vida, organização e crenças dessa comunhão eclesial. Logo no início da epístola, Paulo expressa sua gratidão a Deus pela fé dos seguidores de Jesus em Roma, sublinhando que tal fé era conhecida e admirada em todo mundo cristão (Rm 1,8). Paulo não detalha como a fé cristã se estabeleceu em Roma, vinda da Palestina, nem menciona quaisquer fundadores. Considerando a extensão significativa da cidade, as complexas leis que regulamentavam grupos religiosos estrangeiros e algumas expressões utilizadas por Paulo em seu texto, é provável que os membros dessa comunidade eclesial primitiva se reunissem em mais de uma casa em Roma e que essas originaram as futuras igrejas titulares.[2]

---

1 Escrito por André L. P. Miatello. Referências sobre o autor estão na apresentação desta obra.

2 SINISCALCO, P. Le Origini del Cristianesimo a Roma. PANI ERMINI, L. (Org.). *Christiana Loca*: lo spazio cristiano nella Roma del primo millenio. Roma: Fratelli Palombi Editori, 2000, p. 1-8.

Quando Paulo escreveu a Carta, provavelmente em Corinto, em algum momento entre 55 e 57 d.C., a comunidade cristã em Roma já demonstrava maturidade espiritual e organizacional, mantendo sólidos relacionamentos com outras comunidades da região mediterrânea. Sua localização estratégica na capital imperial naturalmente a colocava em evidência, atraindo interesse particular, especialmente no contexto de projetos missionários ambiciosos como os de Paulo, que via Roma como um ponto tático para a expansão do cristianismo no Ocidente. A Carta aos Romanos, portanto, além de seu valor teológico, constitui uma fonte histórica inestimável para compreender não apenas a organização da comunidade cristã romana, como também o contexto social, político e religioso do primeiro século em Roma. Seu conteúdo oferece perspectivas únicas sobre as dinâmicas entre judeu-cristãos e gentios convertidos (os etnocristãos), as questões práticas enfrentadas pelos batizados e o desenvolvimento inicial da teologia cristã.

1 O MOVIMENTO DE JESUS: DA GALILEIA A ROMA

Compreender a origem da comunidade eclesial em Roma apresenta desafios significativos devido à falta de documentos escritos, iconográficos ou arqueológicos específicos sobre o tema. Nesse sentido, a Carta aos Romanos levanta mais perguntas do que fornece respostas, exigindo que se busquem pistas em fontes externas ao cristianismo e incluindo textos de autores romanos que não eram favoráveis ao movimento cristão. As menções mais antigas a cristãos em Roma retrocedem no máximo até a década de 40 d.C., um período em que as autoridades políticas impuseram medidas restritivas às comunidades judaicas em Roma, abrangendo também os seguidores de Jesus de Nazaré.

Essa questão será examinada em mais detalhes, mas é importante sublinhar que os primórdios das casas de reuniões

cristãs na cidade eterna estão intimamente ligados às dificuldades enfrentadas pelos grupos judaicos emergentes em Roma. Essas tensões aumentaram à medida que a cidade recebia um número crescente de imigrantes de fé hebraica oriundos do Oriente Médio. Portanto, é fundamental retroceder uma década e investigar como o movimento de Jesus se solidificou e penetrou no contexto da diáspora judaica. Essa análise oferece uma compreensão mais clara das circunstâncias que possibilitaram o surgimento da comunidade cristã em Roma, detalhando como os grupos cristãos lidaram com as adversidades e se integraram na complexa teia social e religiosa da cidade.

O galileu de fé hebraica Jesus de Nazaré iniciou seu ministério itinerante de pregação, cura e exorcismo por volta dos anos 30 d.C., quando reuniu um pequeno grupo de seguidores, tanto homens quanto mulheres. Esses discípulos se destacaram por acompanhá-lo nas extenuantes jornadas missionárias e por adotarem seu projeto de vida. Jesus conferiu a eles autoridade para ensinar, curar e exorcizar, preparando-os para continuar sua missão libertadora. Além desses dedicados seguidores, havia também muitos simpatizantes anônimos e seguidores ocasionais que gravitavam ao redor de Jesus, atraídos por sua mensagem e por sua visão de renovação social e religiosa em Israel. Esse grupo inicial, originário do norte da Galileia, não chegou a formar uma comunidade coesa ou estável, devido à natureza da pregação de Jesus, que enfatizava a iminente chegada do Reino de Deus e a consequente instalação de uma nova ordem política e religiosa.[3]

---

[3] Para mais informações sobre o Movimento de Jesus, cf. HORSLEY, R.; HANSON, J. *Bandidos, profetas e messias*: movimentos populares no tempo de Jesus. São Paulo: Paulus, 1995; HORSELY, R. *Jesus e o império*: o reino de Deus e a nova desordem mundial. São Paulo: Paulus, 2004; CROSSAN, J. D. *O nascimento do cristianismo*: o que aconteceu nos anos que se seguiram à execução de Jesus. São Paulo: Paulinas, 2004.

Historicamente, a consolidação de uma comunidade estável de discípulos ocorreu apenas após a execução de Jesus. Foi nesse período que seus seguidores, apesar da tragédia de sua morte e dos riscos políticos, decidiram permanecer unidos e anunciar que Jesus havia ressuscitado e os enviado a evangelizar. Esse momento, impulsionado pela mensagem pascal, viu a autoridade institucional dos Apóstolos se fortalecer e ser complementada por outros núcleos de liderança e mecanismos de organização social que proporcionaram identidade e coesão à nascente, heterogênea e improvisada comunidade de Jerusalém. Tanto os textos do NT quanto os primeiros escritos patrísticos chamam essa comunidade de "Igreja", mas, ainda que essa Igreja de Jerusalém tenha sido a primeira forma estável de organização comunitária de discípulos de Jesus, que agora era proclamado como Cristo, ela não era a única.

Os Apóstolos formaram um grupo importante de discípulos durante a vida de Jesus de Nazaré, sendo herdeiros diretos das mensagens originais e atuando como primeiros intérpretes das escolhas sociorreligiosas do Rabi da Galileia. No entanto, é crucial lembrar que a pregação de Jesus era destinada a todos, abrangendo as multidões da terra de Israel. Sua proposta não se limitava a um grupo fechado de discípulos autodeclarados ou coesos. Essa característica de não institucionalização e de adesão aberta, muitas vezes momentânea, fez do movimento cristão uma mistura diversa de discipulados. Havia desde simpatizantes ocasionais até discípulos plenos, como os Apóstolos. Reconhecer essa diversidade é essencial, pois seria uma visão muito limitada, do ponto de vista histórico, narrar a história do movimento cristão apenas sob a perspectiva de um único grupo, sem considerar a diversidade de caminhos que existiam desde o início.

Os diversos escritos do NT revelam a existência de, pelo menos, dois outros grupos de seguidores de Jesus que não aceitavam completamente as propostas ou a organização da Igreja de

Jerusalém. Esses grupos desafiavam sua autoridade no que tange a definir quem era Cristo, seu verdadeiro significado salvífico e o lugar da fé judaica nesse novo contexto religioso. Primeiro, encontram-se os chamados judaizantes, também conhecidos como ebionitas e nazarenos. É interessante notar que o título "nazarenos" foi inicialmente usado para todos os cristãos, como evidenciado nos Atos dos Apóstolos (cap. 24), no qual Paulo é acusado de ser o líder da seita dos nazarenos. Segundo, há os gnósticos, que enfrentaram severas condenações nas Cartas Joaninas por negarem a corporeidade real de Cristo.

Essas diferenças evidenciam que o movimento cristão, originalmente diverso e plural, não se restringia ao modelo representado pela organização eclesiástica de Jerusalém. Consequentemente, ele não pode ser interpretado apenas a partir dessa perspectiva única ou de qualquer outra, considerada isoladamente. Cada comunidade cristã, mesmo compartilhando elementos comuns com outras comunidades eclesiais, como a crença na ressurreição de Cristo, era uma entidade local, muitas vezes completamente autônoma. Elas não eram meras réplicas ou filiais de uma Igreja universal, algo especialmente verdadeiro no contexto do primeiro século. Esses grupos e comunidades refletiam uma rica tapeçaria de crenças e práticas que contribuíram para a evolução e a adaptação do cristianismo no decorrer dos séculos seguintes.

As Cartas Paulinas revelam que as relações entre os adeptos dos grupos judaizantes e gnósticos com as Igrejas de fundação apostólica eram frequentemente complexas e conflituosas. Os judaizantes tentavam adaptar as comunidades cristãs ao cumprimento da Lei judaica, vinculando a messianidade de Jesus à interpretação veterotestamentária. Isso levava a uma exigência para que os convertidos gentios se tornassem, inicialmente, judeus e, somente após, cristãos. Em contraste, os gnósticos seguiam uma direção oposta ao rejeitar o Antigo Testamento (AT) e minimizar

a lista de textos do NT, buscando desvincular a mensagem de Jesus dos fundamentos judaicos. Essa abordagem permitiu que cristãos, muitas vezes de origem helênica, interpretassem suas experiências religiosas por meio de uma perspectiva teológica e cosmogônica sincrética, alinhada ao mundo mediterrâneo antigo.

Os textos do NT e os escritos dos primeiros Padres da Igreja foram elaborados em resposta às disputas teológicas que emergiram entre as diversas vertentes do cristianismo primitivo. Essas obras refletem a divergência originalmente presente nesse período e foram essenciais na definição do pensamento cristão. A literatura patrística, que desempenhou um papel vital na história do cristianismo, foi fortemente marcada por um compromisso apologético e uma militância teológica. Essa função se manteve decisiva até o final do século V e continuou a impactar o desenvolvimento da doutrina cristã posteriormente. Os Padres da Igreja estavam cientes de que, sem a devida elucidação das sutilezas da pregação de Jesus, já reportada por escrito, juntamente com os textos do AT, o cristianismo estaria fadado a ser um parasita do judaísmo rabínico ou da filosofia grega, principalmente neoplatônica.

Era premente encontrar uma solução para as questões oriundas da matriz judaica da revelação cristã e da base helênica da cultura gentílica. A mensagem de Jesus não poderia ficar confinada, sem sofrer graves prejuízos, entre as restrições da Torá ou entre os grupos elitistas adeptos da filosofia grega. A urgência em "dizer à luz do dia" o que Cristo ensinou "no escuro", ou em "proclamar sobre os telhados o que foi sussurrado aos ouvidos" (Mt 10,27), incitava os primeiros autores cristãos a resolver a tensão entre um Cristo libertador nacional e um Cristo mestre das almas. Essa necessidade impulsionou pensadores como Ireneu de Lyon (m. 202) e, posteriormente, Tertuliano de Cartago (m. 220) a afirmar a ideia da "verdadeira Igreja" como a comunhão de fiéis espalhados globalmente sob a autoridade dos Apóstolos. Eles se opunham à